



CINEMA PARADISO

Boletim n. 299

São Paulo, 16 de outubro de 2011.



Próxima Reunião: 23/10/2011 – Domingo às 16 h.

COPACABANA (Copacabana – 2010 – França)

Diretor: Marc Fitoussi (*)

(*) Nasceu em 20/07/1974 em Paris, França. Seu primeiro filme é *Ma Vie Active* (1999). *Copacabana* é seu sexto filme, com esse trabalho, conseguiu sua maior projeção de público e crítica, participando da Semana da Crítica do Festival de Cannes e na mostra Panorama Mundial do Festival do Rio.

“The Dead Child of Nyanga” “A criança morta de Nyanga” Ingrid Jonker (19/09/1933 – 19/07/1965)

*A criança não está morta
A criança levanta os punhos contra sua mãe
Que grita “Afrika!” grita o fôlego
Da liberdade e da estepe
Nos distritos do coração isolado*

*A criança levanta seus punhos contra seu pai
na marcha das gerações
que grita “Afrika!” grita o fôlego
de justiça e de sangue
nas ruas de seu orgulho em guerra*

*A criança não está morta, não em Langa nem em Nyanga
não em Orlando nem em Sharpeville
nem na delegacia de polícia em Philippi
onde ela jaz com uma bala através de seu cérebro*

*A criança é a sombra escura dos soldados
de guarda com sarracenos fuzis e cassetetes
a criança está presente em todas as assembléias e legislações
a criança espia através das janelas das casas e nos corações das mães
esta criança que apenas queria brincar ao sol em Nyanga está em toda parte
a criança tornou-se um homem que caminha através de toda a África*

*A criança cresceu [tornando-se] um gigante que viaja por todo o mundo
Sem um salvo conduto.*

Traduzido e editado de forma interlinear por Davi Paulo Domingues, curso de Letras, FFLCH – 06/10/2011

Ingrid Jonker, poeta sul africana, cuja vida foi retratada no filme *Borboletas Negras*, discutido pelo grupo na última reunião.



CURSO HISTÓRIA DO CINEMA NO SÉCULO XX

Na próxima quinta-feira, dia 20, recomeçarei a ministrar o primeiro módulo do curso História do Cinema no Século XX, na Casa Guilherme de Almeida. Serão 6 aulas que tratarão do desenvolvimento da linguagem do cinema, do diálogo entre cinema norte-americano e europeu, cinema silencioso até a era de ouro de Hollywood com foco nos gêneros western, noir e musicais. Parte das aulas é expositiva, contextualizando historicamente os movimentos e o desenvolvimento da linguagem, elencando os principais diretores e obras. Alternadamente vamos exibindo trechos de filmes.

Sempre às quintas, das 19h30 às 21h30, de 20 de outubro a 24 de novembro. Taxa de inscrição: R\$ 10,00 (o módulo) e é possível assistir a aulas avulsas. O ambiente é aconchegante, mas, por isso mesmo, há poucas vagas.

Endereço: Rua Macapá, 187 (travessa da Rua Cardoso de Almeida, próx. metrô Sumaré) - Inscrições por telefone: (11) 3672-1391.

Divulguem!

Abrços, Cláudia Mogadouro



Hoje – Tata Amaral

Domingo, última sessão da mostra principal no Cine Brasília. Havia uma tensa expectativa para o longa da noite – afinal, seria um documentário de iniciante. O tema era nada menos que explorar a sintonia entre o universo do cancionário brega de cantores do naípe de Waldick Soriano, Odair José, Lindomar Castilho, Wando e Amado Batista e as decepções e “causos” amorosos de uma população igualmente tida como brega, de região abrangendo 15 municípios de Alagoas, Pernambuco e Sergipe. As entrevistas com cantores e populares revelaram um universo engraçado e bizarro – mais do que se poderia esperar, a julgar pelas letras das músicas! Um esbalde para o público do cinema, que se descobriu brega, “cantou todas”, riu muito e, ao final da sessão, aplaudiu efusivamente. Aplausos, aplausos...

O Festival

Mal havia começado o festival, pairava no ar o que parecia ser um factóide: a dispensa de ineditismo dos longas (uma das novidades do certame) contribuiria para o desinteresse de críticos e repórteres para com o festival. Não era factóide: muitos críticos, de fato, chegaram apenas no terceiro dia, quando haveria a estréia do primeiro longa inédito (**Hoje**). Mas afinal, quem disse ser o festival feito somente para o deleite de críticos? O público local ama esta festa: sala lotada todas as noites...

*

Longas Metragens

Dentre os 6 longas da mostra – todos de bom nível e acima da média em relação aos daqueles de anos anteriores – a consagração veio para **Hoje** (SP, 2011, Dir.: Tata Amaral), que arrematou cinco Candangos (para filme, roteiro, atriz – Denise Fraga, fotografia e direção de arte). A trama, ora em ritmo muito lento, ora ligeiro e cômico, com belas sutilezas visuais, mostra uma ex-militante dos tempos da ditadura envolvida em novo “combate.” Detalhe: a fita chegou da Itália apenas no dia da estreia... sufoco para a diretora! Outro longa bastante premiado foi **Meu País** (SP, 2011, Dir.: A. Ristum), que levou 4 Candangos (direção, ator, trilha sonora e montagem) e ainda o prêmio do júri popular. Outros 3 filmes fizeram jus a prêmios em menor número: **As hiper mulheres** [*] (2011, Dir.: L. Sette, T. Kuikuro e C. Fausto), excelente documentário que resgatou para nós e para a própria tribo um ritual feminino, o Jamurikumalu, conhecido integralmente apenas por uma anciã da tribo Kuikuru, do Alto Xingu, não encenado desde 1982. Detalhe: a transmissão oral do ritual, complexa, segue uma curiosa métrica, organizada em nós feitos em palhas de buriti (é como se fosse o pentagrama deles). Segundo um dos diretores, o ritual “tematiza a utopia feminina de também ocupar a posição masculina, numa situação de conflito.” Levou o Candango de Som (justo, mas foi pouco!); **Trabalhar Cansa** (SP, 2011, Dir.: J. Rojas e M. Dutra), flertou com eficiência entre drama e

suspense psicológico, mas perdeu com um final pertinente, porém fraco em relação ao restante da fita; levou o Candango de atriz coadjuvante (Gilda Nomacce) e **O Homem Que Não Dormia** (BA, 2011, Dir.: E. Navarro), filme bem glauberiano, que levou o Candango de ator coadjuvante (Ramon Vane).

Detenho-me em **Meu País**, que está em cartaz em rede comercial. Imperdível! A trama do filme é centrada em três irmãos separados emocional e geograficamente uns dos outros. Um deles - Tiago (Cauã Reymond) - é viciado em jogatina. O outro - Marcos (Rodrigo Santoro) - é um homem de negócios na Itália, em ascensão profissional. Os irmãos pouco sabem sobre a meia irmã (Débora Falabella), filha não reconhecida pelo pai. A morte do pai os leva, súbita e forçosamente, a um reencontro e a uma surpresa, que exacerbará ainda mais suas diferenças.

A trama de **Meu País** evoca lembranças do diretor (ele próprio italiano de nascimento), cujo pai se viu exilado na Itália nos tempos da ditadura brasileira. O sentido de lar, embutido na ideia de pátria, é o lastro do filme em que irmãos distanciados se reencontram para um ajuste de contas que está além de suas expectativas, talvez de suas possibilidades. Os papéis muito bem construídos pelo trio de atores – excelentes no filme – e a marca deixada por Paulo José (o pai) são apenas uma parte do detalhismo de Ristum, que também a dedo escolheu: o diretor de fotografia Helcio Nagamine, para compor planos com câmera na mão (mas que fosse uma câmera “nada esquizofrênica ou agitada”); a atriz Stephanie de Jongh (esposa do diretor), no papel da jogadora de *poker* que arruína Tiago, e que também empresta sua voz para uma canção própria, ‘Quarto Vazio’. A trilha sonora contou ainda com ‘Leveza de Valsa’, canção de Ana Carolina e Guinga, que a compuseram especialmente para o filme. Não bastasse, acordes de clarinete e piano e trabalho de orquestração renderam a Patrick de Jongh o Candango de Trilha Sonora. Vale ressaltar: no calor da mostra, o filme suscitou na plateia sentimentos como os de uma pessoa que confidenciou ao diretor ter tido vontade de procurar pelo pai, com quem não matinha contato havia anos.

Faltou algo mais sobre o longa da última noite, não é mesmo? Aguardem!... A surpresa fica para a continuação deste artigo em outro número do Cinema Paradiso.

Marcos Paulino, de Brasília
Agradeço a Cláudia Mogadouro por suas sugestões.



Meu País - André Ristum

[*] sic, com erro de grafia!

COTAÇÃO 2011

<i>Homens e Deuses</i>	9,72
<i>Tetro</i>	9,57
<i>Meia-Noite em Paris</i>	9,39
<i>Cópia Fiel</i>	9,26
<i>Um Conto Chinês</i>	9,25
<i>Lola</i>	9,12
<i>Lixo Extraordinário</i>	8,96
<i>O Homem ao Lado</i>	8,96
<i>Biutiful</i>	8,85
<i>O Concerto</i>	8,63
<i>Borboletas Negras</i>	8,57

LEON CAKOFF – 25/06/1948 – 14/10/2011

Ontem, na casa dos Mogadouro, falávamos sobre o quanto Leon Cakoff foi importante no cenário cultural de São Paulo e, conseqüentemente, para nós. Flávio lembrou que nossos pais comentavam sobre os filmes europeus que viam na década de 50, nos cinemas da cidade. Mas a partir da década de 60 houve um lapso, pois só tínhamos acesso a filmes altamente comerciais, quase sempre americanos. Esse cenário só mudou a partir do finalzinho dos anos 70, quando Cakoff iniciou a mostra internacional de cinema de SP, Só então pudemos ter acesso a filmes do leste europeu, iranianos, europeus não comerciais, asiáticos. Concordamos com uma frase que lemos: “Cakoff tornou São Paulo uma cidade cinéfila!” Obrigada, Cakoff!!! Cláudia

Edição / Diagramação:

Cláudia Mogadouro / Janete Felix Palma/ Marcos Paulino
E-mail: janetepalma@gmail.com